

Mensagens

Conheci Jerusa em 1980, no 9º Congresso da Intercom, em São Bernardo do Campo, São Paulo. Eu levava a comunicação “A sedução da pastorinha” e conversamos longamente nos intervalos das apresentações dos trabalhos. De lá para cá, nos encontramos, na medida do possível e nos telefonamos com frequência. Fui seu hóspede em São Paulo e na Bahia e seu anfitrião no Recife, por várias vezes. Cada vez cresce mais a amizade e a admiração pelo seu trabalho, pela sua busca de fontes, pela sua reflexão erudita, pela sua capacidade de trabalho na produção dos próprios textos e na orientação de grande número de alunos da pós-graduação.

Descobrimos afinidades nos interesses por temas da cultura popular e no tratamento acadêmico com rigor científico, mas também na história de vida de nossas famílias sertanejas. Ela, de Feira de Santana, Bahia; e eu, do Pajeú, Pernambuco.

Estudando a literatura popular, já de si marginal em nossas universidades elitistas, mergulhamos mais fundo: Jerusa organizou as “Jornadas impertinentes: o obsceno”, mal compreendidas na hipocrisia dos meios acadêmicos. Tratou-se, com rigor acadêmico, de temas considerados “malditos”, enfeixando uma pluralidade de visões, todas elas científicas, partindo da idéia de que o obsceno é parte integrante e indissociável da cultura. Nela compareci com a comunicação “O morto-carregando-o-vivo”.

Jerusa me facilitou contatos com pesquisadores como Bóris Schnaidermann, Gilberto Carvalho e Paulo Pardal. Também com

Marlyse Meyer, Edilene Matos, Maria del Rosario Albán e Doralice Alcoforado.

Viajamos juntos à França para o seminário sobre almanaques na Universidade de Versalhes, onde pude ver como o seu trabalho era respeitado pelos pesquisadores europeus.

Estivemos juntos, também, nas Jornadas Sergipanas de Estudos Medievais, organizadas por Luiz Antônio Barreto. Em janeiro de 1996, ela apresentou um roteiro para os estudos do medievo no Nordeste do Brasil, focalizando as suas origens sertanejas conectadas à permanência do mundo medieval, que ela vem estudando. Na jornada de janeiro de 1998, trabalhando com o tema recorrente 'matrizes impressas do oral', analisou o folheto de cordel '**Romance do príncipe Guidon e o cisne branco**', de Severino Milanês da Silva, baseado em um poema de Puchkin e suas repercussões na tradição oral.

Jerusa me tem socorrido, com sua extraordinária erudição, na busca de textos de difícil acesso sobre o 'mundo-pelo-avesso', os 'ursos', o 'caralho-de-asas' e outros temas. Por outro lado, lhe tenho transmitido "informações privilegiadas" sobre tradições populares, fruto de meu trabalho de campo.

Em uma de suas visitas a Pernambuco, fiz a sua aproximação com o poeta-editor João José da Silva. Visitamos a sua casa no subúrbio da Mustardinha. Ouvimos um depoimento sobre editoração popular e Jerusa enveredou, na entrevista, no imaginário da criação literária do poeta. Às vésperas do carnaval do ano de 2004, telefonei-lhe dizendo: "- Venha para o carnaval em Pernambuco. Tenho uma grande surpresa para você: encontrei uma testemunha do 'pacto do Fausto'!". Jerusa, que vai às últimas conseqüências para apurar os

temas em que trabalha – sempre vários ao mesmo tempo – tomou o primeiro avião e veio a Pernambuco, fazer uma longa e riquíssima entrevista, com o compromisso de não divulgar tão cedo a identidade do informante.

Guardo uma outra surpresa para o carnaval de 2007 e, com certeza, Jerusa deixará os seus afazeres para vir a Pernambuco...

Recife, no Natal de 2006.

Roberto Benjamin

Professor da Universidade Federal
Rural de Pernambuco

Gostaria de deixar um breve relato sobre a metodologia e a orientação da professora Jerusa. A nossa relação foi uma troca de energias, experiências e vivências, que aprendi em cada encontro com a professora. Pude aprender um pouco de sua metodologia na prática, sendo esta para toda a minha vida.

Assim foi a minha primeira experiência de campo, ou melhor, a primeira sozinha, já que sempre estava acompanhada de um outro pesquisador, no qual eu era bolsista, e desta vez, no mestrado, era eu que desbravaria este caminho. Trabalharia com uma comunidade ribeirinha, já tinha algumas informações dos moradores e de tal local, buscava sem perceber algumas referências que já povoavam minha mente e que muitas vezes não me permitiam ver além do que os meus olhos viam.

Conversava com os moradores sempre pensando no meu objeto de pesquisa, nos temas que gostaria que abordassem, e eles por outro lado respondiam o que eu queria ouvir, e assim parecia que a pesquisa não fluía, ou melhor, apenas confirmava o que muitos já buscavam ali. Foi então, que numa das orientações com a professora Jerusa ela me falou o seguinte: *"leva sua máquina, seu gravador e sinta o lugar, escuta o que ele te diz"*. Sentir o lugar, perceber o que ele te diz, essa foi uma orientação preciosa.

E ainda acrescentou: *"só depois de coletar todo o material, é que você elabora um roteiro, pois daí precisará especificar o que quer, reduzir essa gama de possibilidades, não dá para trabalhar com tudo..."*.

Ou seja, vá aberto, permita ouvir, sentir, cheirar, observar o objeto a ser pesquisado, não vá armado, não se prepare com um roteiro pré-determinado, primeiro coletar todos os indícios, dados etc e depois vem à teoria e não ao contrário. O que significa contar com o acaso, com os imprevistos e disto tirar proveito, pois caso contrário o pesquisador se limitaria apenas a responder a suas próprias perguntas.

Esse pensar a pesquisa e o pesquisador é de extrema importância, pois sempre buscamos respostas imediatas, e eu sempre buscava na professora Jerusa respostas para as minhas indagações, um roteiro pronto para sair e fazer pesquisa. E ela me mostrou justamente o contrário, o que me permitiu avançar sensivelmente no meu primeiro trabalho de campo, enquanto pesquisadora responsável, sem ninguém para me apurar.

Além disso, a cada momento em que eu entrevistava um ribeirinho a Jerusa me orientava no sentido de ouvir e observar a gestualidade, o corpo que fala, as manifestações em gestos, silêncio, olhares ao longe, olhares umedecido, entonações, aspectos que vão além da coleta dos materiais orais. Enfim, aprender a analisar o texto oral:

"... estar diante da voz viva, da presença daquele que diz sua história, seu poema ou canção é acompanhar toda uma energia corporal e mais que isso: conjugação dos sentidos e de uma inteireza que vai dos fragmentos ao todo, das entonações mais fortes às mais fracas, do dito exaustivo ao silêncio, que é tão significativo"
(FERREIRA, Jerusa Pires, 1997, p. 62)

Enfim, Jerusa é pura energia, gestualidade, corpo, uma festa. E toda essa energia ela evoca na pesquisa e ensina, sem saber ou sabendo (quem é que sabe o que passa em sua cabeça que não cessa um minuto), aos seus alunos e orientandos, que pesquisa é sensibilidade, intuição, corpo, alma, poesia, festa, contato, descoberta, entrega....., como diz o poeta Machado "*el camino se hace al andar*".

Com carinho e sempre em minha memória,

Caroline Paschoal Sotilo
(Doutoranda em Comunicação e Semiótica, PUC-SP)

Em nossas vidas encontramos pessoas diariamente, no trabalho, na universidade, nas apresentações entre amigos e em vários lugares. Algumas, às vezes, temos alguma afinidade, lembramos de vez em conta, principalmente quando as encontramos na rua, no Shopping ou em comemorações. Às vezes, nem lembramos o nome dela, mas com somos criados educadamente, tratamos com estima. Existem aquelas que nunca lembramos, ou seja, passam pelas nossas vidas se nenhuma importância. Entretanto, existem outras que são diferentes, pela sua própria condição humana, que marcam presença, que levaremos para toda a nossa vida em nossas lembranças - são as pessoas especiais.

Eu, como ex-aluno da PUC, me sinto privilegiado por ter sido aluno da professora Jerusa Pires Ferreira, uma pessoa especial. Uma pessoa com toda a habilidade de dividir sua experiência de vida e seus conhecimentos com os outros, uma pessoa que contribui com as mudanças que surgem em nossos caminhos, fazendo com que enfrentamos todos os nossos medos e acreditamos que somos capazes de superar todas as nossas dificuldades e limitações, fazendo com que nos sentimos orgulhosos de nos mesmos.

Uma pessoa que se importa com as nossas felicidades, com as nossas conquistas, tornando as nossas vidas mais suportáveis. Por isso, que a professora Jerusa é uma pessoa especial. Uma pessoa que jamais esqueceremos, uma pessoa que está guardada em nossos corações para sempre.

Vitória-ES, dezembro de 2005

Jorge Lellis Bomfim Medina